

## **Rádio e Recepção: Multimedicações a Partir da Experiência dos Moradores das Viciniais no Sul de Roraima e a FM Alto Astral 91,9<sup>1</sup>**

Mirian Faustino da SILVA<sup>2</sup>

Vângela Maria Isidoro de MORAIS<sup>3</sup>

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

### **Resumo**

Este trabalho foi desenvolvido em um pequeno lugar no interior da Amazônia: o meio rural do município de Rorainópolis, em Roraima. Apresentamos um estudo de recepção radiofônica por agricultores de viciniais daquela região, moradores que contam com o rádio como único meio de comunicação. O estudo é feito a partir de multimedicações propostas pelo teórico Jesús Martín-Barbero. A compreensão dos processos de recepção foi possível pelo método etnográfico, em que o pesquisador participa da cultura do sujeito. A partir disso busca-se entender como os modos de viver desses moradores mobilizam culturalmente o processo de comunicação, tomando por referência a presença da FM Alto Astral 91,9 em suas rotinas.

**Palavras-chave:** Rádio; Recepção; Multimedicações; Viciniais; Roraima.

### **Introdução**

O rádio sempre foi uma ferramenta importante e eficaz para a sociedade. Apesar do avanço da tecnologia, com a chegada da televisão e depois da internet e aparelhos celulares de última geração, o rádio não perdeu espaço, principalmente onde esses novos meios não têm alcance junto à população.

Um exemplo está no Sul de Roraima, mais precisamente em Rorainópolis, lugar/espço concreto onde a pesquisa deste trabalho se ocupa. Parte da localidade, especificamente algumas das viciniais, não recebe energia elétrica. Algumas delas contam com serviço de telefonia, mas a situação é precária.

Nesse lugar o rádio tornou-se mais que um prestador de serviço, visto que os moradores utilizam o meio não só para receber informação, mas também para ressignificá-la e novamente produzir e emitir mensagens, quando possível, descaracterizando a linearidade desse processo. Ou seja, o receptor também produz novos conteúdos.

Por isso, nesse contexto, se faz importante pensar a cultura como o ponto de partida. Como já afirmara Canclini, a cultura nada mais é do que a produção de fenômenos, os quais conferem sentido ao processo de comunicação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 5 – Rádio, TV e internet do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 6 a 8 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Recém-graduada do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRR, email: [mirianfaustinosilva@hotmail.com](mailto:mirianfaustinosilva@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFRR, email: [vangela.morais@ufrr.br](mailto:vangela.morais@ufrr.br).

[...] fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido (*apud* ESCOSTEGUY, 2010, p.100).

Com isso, o objeto de estudo deste trabalho é a mediação entre os receptores e o meio, a relação entre ouvintes e a emissora FM Alto Astral 91,9, de natureza comercial, situada no município de Rorainópolis a aproximadamente 300 quilômetros de Boa Vista.

Este trabalho foca nas multimedicações levantadas por Martín-Barbero: a socialidade, pelos grupos de família que constituem os ouvintes; a ritualidade, pelos modos de usar o meio e consumir a programação da emissora citada; a tecnicidade, pela interferência ou não das novas tecnologias utilizadas na maneira de produzir a mensagem; e por fim a institucionalidade, pelos vínculos políticos existentes com a emissora.

O objetivo geral é compreender como a cultura/contexto dos moradores das vicinais dialoga com as mensagens radiofônicas, por meio da FM Alto Astral 91,9. É objetivo específico: levantar as características desse processo de comunicação por meio de dados sobre a produção da emissora e analisar as mensagens veiculadas.

Baseada especialmente numa abordagem qualitativa exploratória, buscou-se abrir um campo para a contextualização histórica, as narrativas, a crítica e a análise, numa perspectiva mais subjetiva. Ou seja, se utilizando da etnografia, um modelo teórico-metodológico, para investigar como se dá a recepção do rádio pelos moradores daquela localidade. Tal método, segundo Guillermo Orozco, descreve detalhadamente o que passa na interação do meio com a mensagem, através da observação participante.

## **1 Rádio e Recepção**

Surgido oficialmente no país em 1922, o rádio atendia inicialmente apenas pessoas da elite, aquelas cujo poder aquisitivo lhes permitia comprar no exterior os aparelhos receptores. Mais tarde o meio se espalha pelo país e passa a atingir a massa, o povo menos escolarizado e de menor poder aquisitivo.

Peruzzo (1998, p. 37) afirma que dos meios de comunicação de massa o mais popular é o rádio pelo fato dele se fazer presente nas áreas mais remotas como instrumento que encurta as distâncias de comunicação. Reside nisto uma forte característica, a da diferenciação que assume, especialmente em regiões como a Amazônia Brasileira.

O rádio também é privilegiado por características que vão desde a linguagem oral ao baixo custo. É através somente da voz que se emite a mensagem fazendo com que o ouvinte, escolarizado ou não, crie a imagem mentalmente.

Outra vantagem oferecida é quanto a sua utilização. A dona de casa, por exemplo, pode se dedicar a seus afazeres e ouvir o rádio ao mesmo tempo, algo que a televisão não é capaz de proporcionar, uma vez que para compreender o que se passa o telespectador necessita tanto da imagem quanto do áudio. Destaca-se, ainda a respeito da utilização do rádio, a sua capacidade “para mediar o popular tanto técnica quanto discursivamente” (MARTIN-BARBERO, 1997, p.315).

Ainda sobre isso, Martín-Barbero acrescenta que o rádio, ao falar o idioma de quem o ouve, “está servindo de ponte para outra racionalidade, a dos informativos e dos programas de opinião, transformando-se assim num meio que”, nas palavras de Munizaga e Gutiérrez, está historicizando a vida e preenchendo o vácuo deixado pelos aparatos tradicionais na construção do sentido” (*apud* MARTÍN-BARBERO, 2004, p.168).

### **1.1 Os Estudos Culturais e de Recepção e as Mediações**

Os estudos culturais têm sua origem nas pesquisas realizadas por Richard Hoggart, Edward Thompson e Raymond Williams, do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), localizado em Birmingham, Inglaterra.

Trata-se de uma nova perspectiva, que tem na cultura um lugar central, e que forneceu um espaço teórico de acolhimento aos estudos da comunicação. Nascida no final dos anos de 1950, tem como foco, além dos meios, a produção, a mensagem e o consumo.

Essa corrente observa “as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais” (ESCOSTEGUY, 2010, p.27).

Dentro dessa perspectiva, surgem os estudos de recepção, que até 1970 eram feitos a partir dos meios e sua audiência. O receptor era visto apenas como sujeito passivo desse processo e comunicação. Posteriormente ele passa a ser visto como sujeito ativo.

Tal vertente ganha repercussão na América Latina. Dentre os personagens responsáveis pela constituição dessa perspectiva, destaca-se Jesús Martín-Barbero, que formula uma metodologia, através da qual se relaciona o estudo da significação, “a produção do sentido com os próprios sentidos” (ESCOSTEGUY, 2010, p.48), o que faz com que se repense a comunicação a partir das práticas sociais.

Martín-Barbero deixa claro que para pensar a comunicação a partir da cultura e compreender todo o processo, é preciso abrir espaço de análise para o que o autor chama mediação (ESCOSTEGUY, 2010, p.106). Ou melhor, mediações.

As mediações produzem e reproduzem os significados sociais, sendo o *locus* que possibilita compreender as interações entre a produção e a recepção. As mediações estruturam, organizam e reorganizam a percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita e explicitamente esta realidade. Por essa razão, a atenção concentra-se nos movimentos, nas dinâmicas. Daí a pesquisa sobre os usos nos obriga, então, a deslocar-se do espaço dos meios ao lugar em que se produz sentido (MARTÍN-BARBERO *apud* ROSSATO, 2008, p.22).

A partir disso, Martín-Barbero propõe então as mediações em quatro dimensões: a socialidade (ou sociabilidade), referente ao espaço ocupado pelo receptor e o seu modo de viver nesse mesmo espaço. Segundo o autor (2004, p.231), aqui se abandona a “emissão circular entre indivíduo e sociedade”.

Ritualidade é a segunda modalidade, que diz respeito ao modo de se usar os meios e de interpretá-los. Conforme Martín-Barbero,

[...] as ritualidades remetem aos múltiplos trajetos de leitura ligados às condições sociais do gosto, marcados pelos níveis e qualidades da educação, pelos haveres e saberes constituídos em memória étnica, de classe ou de gênero, e pelos hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, a oral ou audiovisual, que carregam a experiência do ver sobre o ler, ou vice-versa (2004, p.233).

A terceira é a tecnicidade. Esta deve analisar como o uso das tecnologias no processo de produção vai afetar a maneira de consumir o meio, se afetará ou não o receptor. Conforme pontua Martín-Barbero (2004, p.235), “[...] a tecnicidade, mais que aos aparelhos, nos remete ao desenho de novas práticas, e mais que destreza, a tecnicidade é competência na linguagem”.

Temos por último a institucionalidade. De acordo com Martín-Barbero, “[...] pertence a duas ordens contrapostas: a que desde o Estado configura os meios de comunicação como ‘serviço público’, e a que, a partir do mercado, converte a ‘liberdade de expressão’ em livre comércio.” (2004, p.233-234).

Essa recente dimensão/categoria abordada nos estudos de recepção como um lugar de mediação, propicia nova reflexão no campo dessa perspectiva, pois faz-nos pensar a influência tendenciosa, sem generalizações, dos meios de comunicação sobre as classes

desfavorecidas (sejam por quais forem as razões). Essa influência muitas vezes é exercida por vínculo político, que apropria-se dos meios promovendo seus discursos públicos.

## **2 O Processo da Comunicação da FM Alto Astral 91,9**

A emissora de rádio FM Alto Astral 91,9, é a única rádio local da região Sul de Roraima a abranger as localidades mais distantes dentro de suas possibilidades.

Criada em 07 de setembro de 2007, a FM Alto Astral 91,9 é de propriedade do empresário Pedro Arthur Rodrigues, filho do ex-governador de Roraima Chico Rodrigues. Situada na sede de Rorainópolis<sup>4</sup>, a emissora tem alcance de sinal em toda a região Sul do Estado.

Sua programação, que também é transmitida pela em site próprio - [www.altoastralfm.com.br](http://www.altoastralfm.com.br) – preenche as 24 horas do dia com informação e entretenimento, e ainda, na maioria das vezes, com participação de ouvintes. De natureza comercial, desde a sua criação a emissora veicula como slogan “A rádio da alegria”, característico à proposta da emissora em oferecer programação eclética ao seu público bem variado.

A respeito dos responsáveis pela FM Alto Astral 91,9, faz-se uma rápida interferência. É perceptível em todo o país, principalmente em Roraima, o número de veículos de comunicação (dentre eles destacam-se as emissoras de Rádio e TV) ligados à famílias de políticos. Ao estarem exercendo funções parlamentares, os políticos são impedidos pelo Código Brasileiro de Telecomunicações (Lei 4.117/1962) de possuírem concessões ou mesmo de exercerem funções como de diretor ou gerente da emissora.

A fim de burlar as regras, a maioria deles se utilizam de outros artifícios para, de forma “indireta”, ter em seu controle emissoras de rádio e televisão como moeda de barganha política, o acontece por meio da participação de parentes ou "testas-de-ferro", ou ainda os chamados “laranjas”.

Tal prática é observada na emissora de rádio FM Alto Astral, uma vez que o proprietário é filho do agora ex-governador de Roraima, Chico Rodrigues. Mesmo sendo algo explícito, o gerente Ricardo Borges afirma que a equipe tem total liberdade para trabalhar. Segundo ele os locutores devem estruturar seus programas desde que seja mantido diálogo que atenda toda a população da região.

Por isso eles montam uma programação sempre de forma eclética a fim de atender todos os gostos. A programação semanal conta com 14 programas, sendo que

---

<sup>4</sup> Endereço: Avenida Ayrton Senna, quadra 02, lote 09, bairro Campolândia.

destes, cinco são apenas play list (programas musicais). Quanto aos programas diários, são 10; dois deles são apenas musicais.

De todos os programas, três deles são dedicados exclusivamente ao homem do campo: Manhã Sertaneja, Mensageiro do Ar e Raiz Sertaneja. A solicitação dos ouvintes se dá por cartas, telefonemas, mensagens de *WhatsApp* ou pelo bate-papo do *Facebook*.

Também é carro-chefe da FM Alto Astral o Jornalismo, comandado pelo jornalista Carlos Mariano. As notícias veiculadas são reprodução de matérias de sites de notícias nacionais e regionais. As matérias reproduzidas são editadas e adaptadas para o rádio, também de forma a possibilitar que ouvinte compreenda o que é veiculado. Quanto às informações locais, estas são produzidas pela própria equipe com o mesmo objetivo de possibilitar compreensão pelo público, seja ele letrado ou não.

### **3 O Contexto Sociocultural dos Receptores**

O município de Rorainópolis, está situado no Sul de Roraima, sendo o segundo mais populoso do estado com estimativa de 27.288 habitantes em 2015, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Assim como os outros municípios do Sul do estado, Rorainópolis também foi fundado a partir da formação de colônias agrícolas à beira da BR-174. Nascido com o nome de Vila do INCRA, integrava o Assentamento Anauá. Depois passou a município, tendo suas terras desmembradas, por meio da Lei Estadual nº 100 de 17 de outubro 1995.

Além da sede, Rorainópolis é composto por cinco vilas, sendo elas: Equador, Nova Colina, Martins Pereira, Jundiá e Santa Maria do Boiaçu. Marcado pela Linha do Equador.

O município, que faz fronteira com o estado do Amazonas, “é o portal de entrada pela BR-174, sentido Manaus/Boa Vista [ligando o Estado ao resto do Brasil], [...] e apresenta uma economia voltada para a agricultura de subsistência, atividade madeireira, pesca e pecuária” (SILVA, 2014, p.58).

Os assentamentos são característica marcante desse lugar. São inúmero e como parte integrante destes há as vicinais. Uma minoria delas são asfaltadas. Já a maior parte é caracterizada por estradas em condições precárias, algumas praticamente intrafegáveis, principalmente durante o inverno.

Assim também são as pontes. Todas de madeira, estas também não colaboram com a trafegabilidade, a maioria está a ponto de cair, oferecendo riscos a quem passa por elas, seja de moto ou de carro.

Outra queixa é em relação a energia elétrica. O serviço prestado em todo o Sul do estado é de responsabilidade da Companhia Energética de Roraima (CERR), que atende as vicinais pelo programa Luz para Todos, do Governo Federal. Parte dessas localidades não conta com o serviço e os moradores são obrigados a lidar diariamente com a situação.

Um problema ainda maior é no tocante a Educação para os filhos dos agricultores que residem em vicinais. Algumas delas possuem unidade de ensino, que também estão em situação precária, mas ainda assim utilizam os recursos que têm da forma que é possível. O pior é para aqueles que não dispõem de escola na vicinal em que moram, tendo que se deslocar até uma unidade da vicinal vizinha ou até mesmo para a sede de Rorainópolis.

Para se deslocarem, o Governo do Estado, por meio da Secretaria Estadual de Educação e Desporto (SEED), disponibiliza o transporte escolar. Para não ficar sem estudar, os alunos aguardam todos os dias pelo micro-ônibus que os leva e busca na escola. Isso quando o veículo não apresenta falhas mecânicas por conta a falta de manutenção.

No que tange a comunicação, no município de Rorainópolis há sinais de rádio e TV, além de serviços de telefonia móvel e fixa. Também há telefonia fixa chamada de celular rural<sup>5</sup>, disponibilizada para as vicinais, mas na maioria das vezes apresenta problemas, principalmente quando chove. De acordo com os moradores, a operadora responsável (OI) apenas disponibilizou o serviço sem dar as mínimas condições para um bom funcionamento.

Como parte central dos desdobramentos da presente pesquisa, foram realizadas 35 entrevistas com famílias agricultoras residentes nas vicinais 26, 45, 05 e 01. Aqui destacamos apenas moradores de duas delas.

Na vicinal 01, também chamada de “Rabo da Cobra”<sup>6</sup> por conta do longo trajeto formado por curvas abertas e fechadas, como uma cobra rastejando, todos são agricultores (plantam milho, mandioca/macaxeira, banana, mamão, etc.) e é disso que tiram seu sustento, com exceção de um, que já é aposentado, mas ainda assim não deixa de cuidar de sua roça.

---

<sup>5</sup> Aparelho de celular, utilizado na área rural como telefone fixo. Funciona com a instalação de antena própria para captar o sinal da operadora.

<sup>6</sup> É comum os moradores darem nomes às vicinais, em razão de suas características.

Alguns possuem poucas cabeças de gado, somente para produção de leite destinado ao consumo próprio. Outros criam um número maior, pois vez ou outra abatem também para consumo próprio, já que na cidade a carne de gado fica mais cara. Sem contar o gasto com transporte para chegar lá.

Sobre o nível de escolaridade, esses agricultores relatam ter estudado até a 4ª série do ensino fundamental, outros não passaram da 1ª série, pois não tiveram tantas chances de estudar e afirmam que o trabalho na roça não lhes permitia ter esse “privilégio”, pois o sustento da família é mais importante.

A 05, chamada de “Progresso”, é a vicinal caçula da região, com pouco menos de 5 anos de existência e que não faz jus ao nome. Nela vivem cerca de 10 famílias. O acesso se dá pela estrada da vicinal 26<sup>7</sup>. Nela vivem oito famílias que não desfrutam sequer de energia elétrica e tem na agricultura sua única renda.

### 3.1 A Recepção e as Multimeiações

Como os modos de viver dos moradores das vicinais no Sul de Roraima mobilizam culturalmente o processo de comunicação, tomando por referência a presença da FM Alto Astral 91,9 em suas rotinas? Para isso, escolhemos dois principais personagens que subsidiam nosso estudo: Antonio Torfile Barros, Maria Dinelza Arlindo Conceição. Cada um deles representa uma vicinal.

A análise que nos propomos a desenvolver é a descritiva<sup>8</sup>, feita de forma a possibilitar uma melhor compreensão de onde e como identificamos as multimeiações propostas por Martín-Barbero. A mediação deve ser entendida como o “lugar a partir do qual é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção” (SANTI, 2016, p.21).

A recepção de rádio no contexto dessas pessoas ocorre em vários lugares em quase todo o tempo de atividade delas: na sala, na cozinha, na varanda da casa, no quarto, na roça. São locais quase “sagrados”, visto que para cada um deles a presença de um simples aparelho rádio torna-se importante assim como é importante se alimentar, beber água, dormir, etc.

Arelado a isso percebemos que o rádio é o meio de comunicação mais significativo ao ocupar rotineiramente grande espaço na vida dessas pessoas, já que o

<sup>7</sup> A divisão das vicinais são como uma veia e na maioria das vezes uma dá acesso a outra. Os moradores relatam que a trafegabilidade em grande parte desses acessos é precária, mas encurta as distâncias entre uma e outra.

<sup>8</sup> O modelo de análise tenta seguir um formato utilizado pelas autoras Lopes, Borelli e Resende (2002) para analisar a recepção da telenovela “A Indomada”.

aparelho fica ligado ininterruptamente do momento que acordam à hora de dormir, não importando os horários de refeições ou descanso.

O processo de identificação das mediações nesse contexto do receptor não é simplificado, pois uma se confunde com a outra justamente pela dinâmica do rádio na vida dos moradores das vicinais. Enquanto para quem é do meio urbano o rádio é só mais um elemento, para quem está na zona rural, especificamente nas vicinais de Rorainópolis, o este é praticamente ferramenta única tanto de informação (por meio de jornais) quanto de comunicação (recados repassados ou recebidos através da emissora).

Temos então a **socialidade**, encontrada nos modos de viver, isto é, na interação social, e, a **ritualidade**, referente ao uso dos meios de comunicação. Tais mediações, aparecem de forma explícita na rotina contada pelos receptores, sempre uma atrelada a outra, como podemos perceber adiante.

Na vicinal 01-A, a conhecida Rabo da Cobra, é a mais curta e mais próxima da sede de Rorainópolis. Com relação a emissora de rádio FM Alto Astral, única cuja frequência é de qualidade na região, todos os entrevistados afirmam ouvi-la diariamente, mas não têm costume de participar da programação, mesmo que seja por meio de cartas, já que o serviço de telefonia praticamente não funciona. A maioria conta que tem o rádio como melhor meio de distração e desliga o aparelho somente para dormir, pois além de ser sua principal atração, é o único meio de informação local.

Dentre esses agricultores/ouvintes, um chamou atenção: o simpático e hospitaleiro Antônio Torfile Barros, que prefere ser chamado de Bigode. Assim é conhecido por grande parte dos moradores da região. Natural do Maranhão, reside na Vicinal 01-A com a esposa, os filhos e netos, há 20 anos.

Bigode é ouvinte assíduo do rádio. Possui dois aparelhos, sendo um que funciona a energia e outro a pilha. O primeiro fica em casa para a esposa e os netos. O último o acompanha enquanto trabalha na roça. Televisão só liga para assistir os jogos de futebol, aos domingos – único dia de descanso dele e dos filhos. “Aqui a gente faz a festa!”<sup>9</sup>, conta. A televisão também é muito assistida pelas crianças da casa no horário da manhã, enquanto passa os desenhos animados.

Sobre sua rotina, Bigode relata que ele e a família toda acorda bem antes das 6h para ouvir parte do programa Manhã Sertaneja, principalmente por causa das músicas do

---

<sup>9</sup> BARROS, Antonio Torfile. Entrevista sobre rotina e uso do rádio. Vicinal 01-A de Rorainópolis, 28 de julho de 2015.

estilo chamado “modão sertanejo” que tocam no horário. Toma café reforçado (cuscuz, café com leite, às vezes até mesmo o arroz com feijão e ovos mexidos) e segue para a roça.

Sua esposa, que não quis dizer o nome, fica para cuidar da casa e dos netos, além de preparar a próxima refeição. Dependendo do cardápio, ela cozinha tudo no fogão a lenha, mas na maioria das vezes, por ser mais cômodo, prefere utilizar o fogão a gás. Enquanto prepara tudo, o rádio que fica em casa – na cozinha ou na sala – também está ligado, para ficar por dentro de toda a programação da FM Alto Astral 91,9.

Ao meio dia, Bigode volta em casa para almoço e breve descanso na sua cadeira de “macarrão” que fica na varanda da frente da casa. Isso antes de mais um turno de trabalho puxado que se estende até próximo das 18h. Chega em casa, toma banho, janta com a família e vai descansar. Ao lado está sempre aquele amigo fiel, o rádio, diz ele alegre a olhar as coisas sempre pelo lado positivo, modo de ressignificar:

Rádio é bom, traz distração e também informação. Sempre fico de orelha em pé pra ouvir o meu jornal. [O rádio] é a minha companhia diária e que não pode faltar. Em casa ou na roça tá sempre comigo. Aqui nesse mundão de meu Deus, ele é de muita utilidade, sabe?! Nem me sinto longe da cidade, é como se eu tivesse lá todo dia (BARROS, Antonio Torfile).

Bigode não participa da programação, apesar de possuir a linha do celular rural, que como já relatado apresenta problemas e dificilmente consegue realizar ligação. “Ah... se tivesse como a gente ligar, eu participava todo dia, nem que fosse pra conversar com meus locutores”, afirma ele ao falar da relação de amizade com locutores de seus programas favoritos. Ele os encontra em visita quando vai à sede de Rorainópolis.

Nessa relação de amizade, é comum os alôs dos apresentadores direcionados à Bigode e à família sempre que possível. Ele também conta que alguns locutores vez ou outra percorrem as vicinias a fim de visitar os moradores, o que para Bigode é um gesto de carinho e respeito com quem ali mora e se sente abandonado pelos governantes. “A gente tem tanto problema, enfrenta tanta dificuldade. A gente gosta quando os apresentador passa por aqui visitando todo mundo da vicinal. É por isso que quando vou lá na cidade também faço visita pra eles. São gente boa demais, viu?!” (BARROS, Antonio Torfile).

Para se descolar até Rorainópolis, o que faz com pouca frequência, tem como meio de transporte uma moto. Apesar da dificuldade pelo acesso da estrada, seu Antonio revela que prefere morar no lote.

Aqui ainda é melhor pra viver, é tranquilo. Viver na cidade sai bem mais caro porque lá tudo tem que comprar no mercado. Já aqui, eu mesmo produzo o que eu e minha família come. Na rua nós só compra o arroz e o feijão porque isso a gente não planta. E de vez em quando uma besterinha pra agradecer os neto [risos]. A gente é feliz apesar de tudo (BARROS, Antonio Torfile)

Passando pela vicinal 05, ou a Progresso, observamos que é nessa região que o rádio (a pilha) se torna o principal aliado de quem vive o drama de não ter outro meio de informação, muito menos de comunicação. Isso se deve ao fato de a localidade não dispor de energia elétrica. Aqui a ritualidade pode estar muito mais visível pela necessidade do uso desse meio, o rádio.

Desta vez a personagem é a dona de casa e agricultora aposentada Maria Dinelza Arlindo Conceição, moradora da vicinal há pelo menos três anos. Ela fica sozinha o dia inteiro enquanto o filho trabalha na pequena roça. Seu rádio a pilha, que fica hora na sala, hora na cozinha, é a única distração. Sobre o que o rádio significa para ela em meio àquela situação, sem energia elétrica, sem outros meios de comunicação, ligeiramente responde numa reação carregada de tristeza e alegria ao mesmo tempo:

Nossa! Ah, o rádio para mim... sei nem dizer. É tudo, eu acho. Ainda bem que existe esses que funciona cum pilha. Todo dia ele canta, ele me conta as notícia daqui, e de fora também. É importante a gente saber o que acontece mais longe da gente, né?! Ele [rádio] entra na minha casa e nunca me atrapaia não. É minha alegria. Sem ele ligado eu passo o dia pensando besteira aqui isolada. Às vez, quando o radim véi dá problema, a única forma de me informar das coisa é quando algum vizim vem da rua e passa aqui pra contar as novidade da cidade<sup>10</sup>.

Dona Dinelza dificilmente vai à cidade por falta de transporte próprio. A distância também influencia. Quando precisa ir, sem outra alternativa, segue a pé um percurso de cerca de quatro quilômetros até a estrada da vicinal 26, onde consegue carona.

Partindo desse cenário, afastados da cidade, todos os entrevistados têm em comum o trabalho árduo na roça diariamente. Aqui a presença da socialidade: o sujeito/receptor exerce suas práticas e habitus. Além das ferramentas de trabalho, o aparelho de rádio os acompanha na labuta tornando o trabalho um momento também de lazer. Na quase “escassez” de meios de comunicação, principalmente os locais, essas pessoas encontram no rádio uma saída que ameniza os seus dias de luta.

---

<sup>10</sup> CONCEIÇÃO, Maria Dinelza Arlindo. Entrevista sobre rotina e uso do rádio realizada em 29 de julho de 2015. Vicinal 05, Rorainópolis.

A utilização (onde está presente a ritualidade) desse aparelho se dá não só pelo entretenimento que ele proporciona, mas pela necessidade de se informar e comunicar-se, pela localidade que só recebe o sinal da emissora local FM Alto Astral 91,9, e ainda pela disposição de tempo dos receptores que passam maior parte do dia trabalhando.

Por poder estar presente em qualquer lugar, o rádio é utilizado tanto em casa (na hora do descanso, durante as refeições ou em outra situação em que a família esteja reunida), quanto na roça enquanto o agricultor trabalha e também nos intervalos para descanso. Tal comportamento tem peso para a identificação da ritualidade.

Sem a programação da emissora a vida dessas pessoas ficaria incompleta, principalmente quando se fala em música, as de estilo sertaneja com as quais os receptores muito se identificam – o que ocorre pelo próprio contexto rural – e informação local e nacional, servindo de elo entre a cidade e o meio rural – uma forma de se situarem no tempo e no espaço.

Ainda no que diz respeito à programação os entrevistados acreditam que esta é formatada pensando nesse público. Assim julgam pela disposição dos programas voltados para o homem do campo de acordo com os horários de trabalho e de descanso como, por exemplo, o programa Manhã Sertaneja, que inicia às 4h, horário que, habitualmente, para quem vive no campo é o momento mais usual de levantar e iniciar suas atividades.

O que também influencia é o fato de em toda a programação os locutores da FM Alto Astral lerem recados e cartas dos diversos conteúdos, servindo de correio radiofônico para quem não conta com telefone móvel ou fixo. De certa forma, é o que faz encurtar as distâncias entre o meio rural e a cidade.

Ainda nesse contexto, outras mediações acionadas são a **tecnicidade** e **institucionalidade**, também constatadas durante a pesquisa. Como pontua Martín-Barbero, a tecnicidade se trata daquilo “que nas práticas articula a transformação do material à inovação discursiva” e assim, “mais que aos aparelhos, nos remete ao desenho de novas práticas, e mais que destreza a tecnicidade é competência na linguagem” (2004, p.235).

Já a institucionalidade, aquela presente nas relações entre as Matrizes Culturais e as Lógicas de Produção, se trata de uma mediação densa de interesses e poderes contrapostos, os quais, segundo Martín-Barbero, têm afetado “e continuam a afetar, especialmente a regulação dos discursos que, de parte dos cidadãos – maiorias e minorias –, procuram defender seus direitos e se fazer reconhecer, isto é, reconstruir permanentemente o social” (2004, p.234).

Tais mediações podem ser identificadas por meio da articulação entre a organização, interesses e inovação do discurso radiofônico e a negociação de significados organizados pelo sujeito receptor.

A tecnicidade é vista na maneira de produzir conteúdo radiofônico como também na maneira de o receptor receber/consumir esse conteúdo. Referente a maneira adotada para a produção, se faz importante observar se isso vai interferir ou não no modo de consumir pelos receptores.

Partindo disso, o que é possível perceber é que apesar da disponibilidade de novas ferramentas (pela FM Alto Astral) para interação com o ouvinte, como a rede social *Facebook*, como o aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, a utilização delas não interfere na interação social desses moradores. O uso do formato que já foi esquecido por muitos, as cartas para envio de recados, pedidos de músicas, é muito mais comum. A emissora de rádio FM Alto Astral, entendendo a dificuldade do receptor pela falta do alcance de outros recursos de comunicação junto a essas pessoas, atende a demanda delas.

Observa-se ainda que a linguagem utilizada pela emissora na produção de conteúdo é a mesma, seja para quem está na cidade ou para quem está na zona rural, buscando se adequar um pouco no contexto de cada público. Exemplo disso é a variedade de estilos musicais: para o público rural há as músicas sertanejas, aquelas de moda; para os que vivem na cidade são oferecidas aquelas de estilo MPB, Pop Rock, entre outros.

Sobre a institucionalidade, não há dificuldades em identificá-la nesse processo. O fato da vinculação política da FM Alto Astral já deixa isso claro, não que isso esteja diretamente exposto na produção do conteúdo radiofônico que chega ao receptor.

A emissora (inaugurada em 2007) tem como proprietário o filho de um ex-governador de Estado; além disso a mesma é o único veículo de comunicação local a ter alcance em toda a região Sul de Roraima, colocando os moradores de vicinais que não contam sequer com energia elétrica, muito menos com meios de comunicação como o telefone, num cenário de dependência da programação e da emissora como um todo.

Tal dependência reitera outros aspectos que respondem pela credibilidade da emissora. A partir disso, é possível a existência de interesses a serem negociados pela recepção, a depender dos sentidos atribuídos, quer sejam por acatamento ou resistência.

Além da manifestação das pessoas através de cartas enviando recados para familiares e amigos através da rádio FM Alto Astral, nota-se que os receptores demonstram sua preferência por alguns programas específicos cujo conteúdo é de entretenimento. Um

dos citados é o “Manhã Sertaneja”. O diálogo que parte do locutor durante o programa dá aos ouvintes um tom de familiaridade, algo que mesmo distante se põe tão próximo pela linguagem utilizada. Para isso também conta a própria característica do programa ligada ao meio rural, onde se encontra esse receptor.

### **Considerações**

Mesmo com o passar de tantos anos e a chegada de novas ferramentas possibilitadas pelo avanço da tecnologia, o rádio não perdeu seu lugar nas residências e em outros espaços da vida social.

Isso se deve, pelo menos em parte, à sua capacidade de transmissão em locais que não dispõem de energia elétrica, ao baixo custo do aparelho e o uso da voz fazendo com que seu público se dedique apenas a ouvi-lo, características que lhes são bem peculiares.

São essas características que fazem com que o rádio se torne o principal aliado de quem reside nas áreas mais remotas e que não têm acesso a outros meios de comunicação, como o telefone, instrumento que para muitos é indispensável.

Para entender como o ouvinte dos lugares mais afastados se apropria do rádio e de seu conteúdo, fez-se importante esse direcionamento para os estudos de recepção, vertente dos Estudos Culturais, responsáveis por enxergar o receptor não mais como sujeito passivo, e sim ativo no processo comunicacional.

Dentro dos estudos de recepção, as contribuições de Martín-Barbero ao apresentar-nos as mediações, ou melhor dizendo, os lugares das mediações, são imprescindíveis para essa compreensão, uma vez que a mediação é o lugar de interação entre os processos de produção e de recepção.

Vale lembrar que a região onde se ocupa a pesquisa (vicinais do município de Rorainópolis), o rádio tornou-se mais que um meio de informação, mais que um prestador de serviço: o rádio tornou-se o elo entre o lugar onde está o ouvinte/receptor e o mundo. O rádio não é apenas um aparelho, é um amigo fiel para cada uma dessas pessoas que o tem como aliado para se informar e principalmente entreter.

Nas localidades em que o receptor tem acesso a outros meios de comunicação como o telefone, o espaço aberto para participação do ouvinte na FM Alto Astral, é muitas vezes também usado para contar de ouvinte para ouvinte “como vai sua vida”. Esta é uma das situações evidentes em que ele deixa de ser apenas o receptor, assumindo o papel de receptor-emissor, atuando na fronteira dupla de consumidor e produtor de conteúdos

radiofônicos, sendo esta apenas uma das formas de interação que ajudam a ilustrar os limites dinâmicos entre receptor e emissor.

## Referências

ESCOSTEGUY, Ana C. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Edição online e ampliada. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

JACKS, Nilda. **Repensando os estudos de recepção: dois mapas para orientar o debate**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008. Ilha, vol.10. n.º.2. p.18-35.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Traduzido por Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Traduzido por Fidelina Gonzáles. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MELO, José Marques de. **Memória do campo acadêmico da comunicação: Estado da arte do conhecimento empírico de natureza historiográfica**. IN: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. de (Orgs). Quem tem medo da pesquisa empírica? São Paulo: INTERCOM, 2011.

NASCIMENTO, Antonio de Souza. **Juventude e Políticas Públicas em Rorainópolis: uma questão de identidade**. IN: Encontro de pesquisadores e pesquisadoras de políticas de juventude. Participatório em Rede. Disponível em: <<http://www.participatorio.juventude.gov.br>>. Acesso em: 09 de março de 2016.

PERUZZO, Cicília Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RONSINI, Veneza Mayora. (1995). **Cotidiano rural e recepção da televisão: O caso Três Barras**. Revista Brasileira de Comunicação, v. 18, n. 1.

\_\_\_\_\_. **Entre a Capela e a Caixa de Abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ROSSATO, Alexania. **A recepção de rádio e televisão por jovens do movimento dos atingidos por barragens: as representações da classe popular**. 2008. 169p. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/11149/8700>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2016.

SANTI, Vilso Junior. **Mediação e midiaticização: conexões e desconexões na análise comunicacional**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2016.